

O GAÚCHO EXISTE, MAS. . .

Paulo Hecker Filho

O gaúcho existe. Ainda. Só que isso já não tem tanta importância e, apesar dos vários centros existentes para cultivar e conservar as tradições gaúchas, os CTGs, e da ação mais sincera dos passadistas que independem de agrupações, essas tradições são esquecidas e socialmente já pesam pouco. Novas formas de produção no campo e na cidade não dão vez à maneira gaúcha, que, se persiste, é por nostalgia, ou seja, justamente pela ausência. Nossos agricultores e pecuaristas passam a funcionar como executivos e operários dum modo semelhante aos das demais regiões desenvolvidas do país. O trabalho hoje é outro, e crescentemente o mesmo, com a evolução da técnica, no Brasil e no mundo. Como o trabalho faz o homem, também este, entre nós, mudou.

Mas, sob diversos matizes, o gaúcho ainda existe. Para não confundir, convém de saída apartar o pitoresco homem de ontem, ainda encontrável, mas excepcionalmente e mais por evocação que ao natural, de uma possível gauchidade dos que aqui vivem, apenas colorida por essa tradição.

O velho gaúcho é o de lenço no pescoço, bigodões, chapéu de aba, bombachas, botas, esporas, um macho alegre em seu cavalo respingador e bem aperado. Expansivo, tende a falar alto, com bazófia bonachona, num excesso bem-humorado. Se há em tudo isso uma compensação pelo sexo raro, não o há menos pelas durezas e carências que enfrenta em privado. Ante essas dificuldades, um número bem menor se apresenta sobre o taciturno, por não ter sabido dar a volta por cima da autodefesa.

A realidade abre inúmeros possíveis, mas escolhemos e nos tornamos respostas vivas ao mundo que construímos sobre ela. O gaúcho nasce da fazenda

como aqui — e em todo o estuário do Prata — se estabeleceu. Seu *status* foi propiciado pela longa instituição da escravatura, de negros pacientes e índios fugidios, nos donos da terra como em capatazes e peões brancos. O fim da escravatura e a substituição da agricultura intensiva pela pecuária primária com o reinado dos ginetes, se ainda não terminou com esse *status* autolisonjeiro, vai no caminho de fazê-lo pela perda de apoio na realidade.

O gaúcho é um produto, entre os possíveis, dos vastos campos, de raros alambrados ou sem eles, com os limites das propriedades marcados por acidentes do terreno, onde sua função é a do campeador, costeando o gado em grande parte xucro, parando rodeios para marcação, aparte de cavalos de montaria o gado de corte, cuidado de bicheiras, partos, terneiros novos. A montaria se torna decisiva, numa continuidade de si mesmo que lhe aumenta o poder sobre o espaço e, assim, o poder. Do dinheiro, que tanto identifica a modernidade, ele se conserva um tanto à margem. Raro recebe um salário mensal e, quando sim, é insignificante. O fazendeiro é que mais por generosidade lhe dá algo, retribuindo uma lealdade, premiando uma eficiência ou trabalho extra. De modo que ganha, ou vive, por bondade patronal, o que o põe na ambivalência de agradecer e frustrar-se com o pouco que recebe, fora a humilhação de ter recebido. Mas escolhemos as virtudes que nos ajudam a viver. Sem condições de se opor ao dono da terra, o gaúcho opta pela defesa dele e da propriedade, de pai a filho, a ponto de, com as naturais exceções, isso se fazer uma segunda natureza, levando ao conhecido apego ao pago. Esse apego, a seguir, busca se apoiar nas doçuras do campo, que não são poucas (nem as amarguras), dando vez a um bairrismo que inclui uma falsa imagem de afetiva autonomia e dignidade.

Eis um mundo de homens, em que a mulher é vista como um adendo do fazendeiro ou do peão, embora na classe inferior se atenuem, mas sem um reconhecimento explícito, até o contrário, o patriarcalismo sexual. Além do objeto erótico, a mulher é olhada com ironia e suas virtudes são menosprezadas. Gaúcho não faz tarefa considerada feminina — lavar roupa, cozinhar, cuidar das crianças ou da casa. Se é obrigado, no caso de doença ou falta da mulher, cumpre escondido e envergonhado essas funções. De homem é, no máximo, cevar um mate ou assar no espeto uma batata-doce ou milho verde. Amar, o que se diz amar é uma fraqueza, o sexo é que é masculino, e praticamente a sexo, de um modo que se quer primitivo e mantém a maioria das mulheres na era pré-orgásmica. Note-se, aliás, que isso não torna o sexo menos importante para elas, já que advém dele o quase único poder que exercem sobre o homem. Nem se pode dizer que sejam infelizes, pois cumprem o que se espera delas e, sociologicamente, a felicidade, ao menos a estabilidade que a permite, reside em representar o papel que a sociedade nos atribui.

A ideológica superioridade masculina obriga ao gaúcho a se mostrar infalível em sexo, mesmo não tendo muita oportunidade de praticá-lo. Como em qualquer meio rural, a zoofilia no Estado é costumeira e, sobretudo na adolescência e juventude, mais importante que o comércio com a mulher, ainda dominado pelo tabu da virgindade. O homossexualismo ativo é visto com certo divertimento, mas o passivo abominado, se bem que, entre os menos favorecidos, haja, como em toda parte, mais tolerância.

Mas tudo isso, a vida pessoal, é para uma que outra hora apenas, algo secundário. . . O primeiro orgulho ou atributo do gaúcho é montar bem e conhecer a lida campestre. É um bicho da terra. E a vida agreste lhe passa uma moral estática. Mora num esboço de casa, com paredes de taquara e barro, chão de terra batida, janelas e portas de madeira com vãos de vento assassino. A comida é o que dá o roçado para o que nunca tem tempo, aipim, abóbora, milho; melancia já é festa. Nem sempre dispõe duma vaca de leite. As roupas, insuficientes, rasgadas, no fio; a melhorzinha, para os domingos, usa tão pouco que dura a vida inteira, ainda que engorde ou emagreça. O dia, todo o dia, é o rude trato com o gado e a terra, seguindo ordens no interesse de outrem. Assim, especialmente quando os ventos do inverno penetram os ossos e as geadas começam amortalhando os dias a debulhar, se entende que o nosso campeiro ponha a honra na capacidade de resistência, se ajudando a não sucumbir.

Resistir, ser homem, enfrentar o que for. Para levar a vida que lhe cabe, o gaúcho tem de desdobrar seu quinhão de varonia. Não o tratem mal nem desprezem, que se habituou a responder aos desafios, sem levar em conta o risco de morrer e portanto o de matar. Só ao patrão obedece, se é que não se convence que o ama, já que, se lhe dá pouco, dá-lhe o nunca bastante abençoado imprescindível. Está composto o clima dum autoritarismo que não prima pela humanidade; eis-nos longe dos valores da vida solidária ou democrática. O gaúcho, até o miserável, sonha em ser rei e, tendo oportunidade, agirá como um rei, de modo arbitrário, se não cruel. O patrão mandador, cercado da submissão da família e da peonada, é um ideal que cada mente reproduz, sem excetuar as mulheres, dentro de suas limitações concretas. O eixo, em torno do qual o mundo gira, é a vontade, o caráter do dono da fazenda. Não admira que, no tempo das lutas civis e de fronteiras, os homens fossem para a guerra, a mando dos fazendeiros, como para um rodeio.

E há teatro nisso, pois o dono da terra costuma ser mais complicado que o líder que representa para seus servidores. Desde saída, e cada vez mais, eles tiveram de se dividir entre o campo e a cidade, com os negócios a depender de consumidores e créditos urbanos. Os filhos vão lá estudar e trazem, às vezes com convicção, pontos de vista atualizados, de que o pai e o resto da família, mesmo reagindo, participam. O resultado é que, desde sempre, a classe proprietária foi escassamente o gaúcho, embora o imitando na ideologia coletiva que facilitava os contatos com o meio e seus figurantes. Muitos foram e são cavalheiros na cidade e gauchões na estância, para manter a imagem que ali esperam e entendem. Já se sabe como as máscaras se prendem aos rostos ou as *personae* fabricam as pessoas. Hoje ainda é possível encontrar entre os proprietários, que nunca tiveram de ser e portanto nunca foram mesmo gaúchos, imagens mais completas do gênero do que entre os despossuídos, se não caricaturais pelo exagero.

O que importa — e este naturalmente é o tema deste simpósio — é o que persiste hoje de tudo isso, do gaúcho. E arrisco uma simplificação que, se despreza nuances, pode talvez ser esclarecedora. O grosso da pertinaz onda gauchesca vem dos que se criaram nas fazendas ainda sob o velho regime da exploração pecuária e agrícola não intensiva. Há uma razão psicológica. Evocando o tempo sem tempo, eterno, das coxilhas, onde os ciclos permanentes do mundo animal

e vegetal apagam as datas ao se repetirem um dia depois do outro, visam a escapar do tempo minutado do trabalho moderno, em que a produção é o imperativo. Foge-se para os espaços verdes, sob um céu que não marca as horas, para esquecer os relógios-pontos que temos de estar batendo na cidade, mesmo nas horas de lazer. Por contrariar o inferno urbano, o campo ganha foros de paraíso, pelo menos quando imaginado, já que na realidade é antes humanamente pobre. Diante do real, quem não tem saudade do que poderia ter sido? O mito do paraíso perdido é de todas as latitudes e épocas. Entre nós, uma bombacha, um lenço no pescoço, um dito ou canção campeira acenam com um passado que punge já por ser passado. Bom foi o que foi, com o que se nega presente e futuro, nossas cargas reais. Ninguém volta atrás, no máximo se opõe ao que deve vir. Todo tradicionalista é um reacionário.

No Sul, continua significativo o número dessas pessoas divididas, que imaginam gostar de ser o que a superação dos velhos meios de explorar a terra não mais permite. A nostalgia delas é até suficiente para atribuir um padrão particular às nossas cidades, especialmente às do Interior que, com poucas exceções, foram ou prosseguem centros rurais, já que a economia do Estado foi desde cedo agropecuária. Mas inclusive em Porto Alegre, cuja população acima de um milhão já transformou numa metrópole de produção e consumo semelhante a qualquer outra do Ocidente, é múltiplo, ainda que marginal, o culto dos ritos gauchescos.

O gaúcho, em suma, segue presente, e é um tipo tão pitoresco e autoteatralizado como duvidó haja outro no resto do País. Mas já não representa uma resposta vital ao ambiente, já, a bem dizer, não existe, é imitado. Deixando de ser vida, faz-se arte ou tenta, nas saídas e provérbios rústicos, na voz grossa cantada, nas danças, conjuntos e canções regionais. Enquanto era vida, deu a arte plena, do tamanho da vida, de José Hernández e Benito Lynch, de William Henry Hudson e Horácio Quiroga, de Lugones e Payró, de Simões Lopes Neto. Depois foi descambando para o fabricado e o fácil, até hoje abundante, mas sem dar a esperança de poder ainda sair do gênero falso do populismo procurado e já inexistente. Contudo, considerando toda a região platina, a incluir o Rio Grande, a gauchesca é uma literatura completa e mais que suficiente para perpetuar o gaúcho.

No plano da vida, o legado eficaz do gauchismo estaria no primado que deu à varonia, que está longe de ser apenas negativa como os movimentos feminista e *gay* de nossos dias querem fazer crer. Vá que pretender de cada menino um macho de sexo sempre pronto e bem orientado dificulta o próprio amadurecimento sexual, ao visar a uma superioridade estereotipada a que o sexo raro se coaduna. Vá que a idéia de afrontar qualquer poder é antes romântica e conduz à imoral tentativa de submeter aos outros. Mas acresce a pessoa a noção de resistir sem reclamar, de enfrentar por si o adverso, de buscar se respeitar enquanto homem.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Há centenas de trabalhos sobre o gaúcho, sua história, modo de viver, e o número cresce a cada ano. Em 1982 saíram pelo menos quatro obras encorpadadas, fora diversas reedições, e dezenas de volumes de verso e ficção gauchesca. Porto Alegre tem agora um editor especializado no ramo, Martins Livreiro, e a Cia. União de Seguros, num serviço público, repõe em circulação obras raras, na Coleção Erus. O público interessado abrange todo o Estado.

Os estudos vão de Saint-Hilaire e outros viajantes curiosos, inclusive o pintor Debret que fez desenhos locais há pouco descobertos e editados, aos manuais agropecuários da Secretaria da Agricultura, em vários volumes, com instruções e detalhes de costumes que revelam todo um modo de viver; vão da historiografia, em regra repetitiva, às tentativas de interpretação sociológica, com a colheita menos sistemática que pitoresca de aspectos sociais.

Considerada essencial enquanto esgotada e menos conhecida, o reaparecimento da "Formação do Rio Grande do Sul" (1927) de Jorge Salis Goulart antes decepcionou, com seus esquemas teóricos datados de abordar o material. Mas abundância é o que não falta; há preciosas achegas nas 548 páginas compactas de "As Missões Orientais e seus antigos domínios" (1909) de Hemetério José Velloso da Silveira, nas mais de mil páginas igualmente compactas de "As revoluções cisplatinas" (1915) de Alfredo Varela, nas obras de Aurélio Porto, Guilhermino César e outros. Mas como livro mesmo, voz de um homem que fala a outro, o leitor, o destaque é "Voluntários do martírio" (1896) do dr. Ângelo Dourado, médico e coronel do "exército libertador". Há pouco reeditado, já está na terceira tiragem. É um diário de lembranças da guerra civil de 93, que choça pela descrição de degolas coletivas e outras atrocidades e se apóia, bem, no humanismo de época do autor.

Mas se relembresse tudo o que li; não o muito mais que existe, esta Nota ultrapassaria a extensão do artigo a que apenas deve servir. . . Para o leigo, em nome do sabor dos extremos, reduziria as indicações a "La guerra gaucha" (1905) e "El payador" (1916) do grande o complexo Leopoldo Lugones e o papo simples dum fazendeiro do Alegrete, o médico Severino de Sá Brito, "Trabalhos e costumes dos gaúchos" (1928 e retomado há pouco pela Erus).

Já a ficção e a poesia sobre o gaúcho são duma importância que não se saberia exagerar e nos oferecem um retrato dele bem mais fiel e íntimo que os tomos teóricos.

Com os reconhecimentos de Lugones e seu discípulo confesso Jorge Luís Borges, o "Martín Fierro" (1872 e 1879) de José Hernández adquire o cunho dum poema épico da região, embora com razão Borges insista em que se trata de um conto em versos com pouco de exemplar em seu proscrito protagonista. Antes o gauchismo já dera poetas de valor, Ascasubi, Hidalgo, Obligado e o popular poema "Fausto" (1866) de Estanislao del Campo. Ainda antes, há o impressionante relato de Echeverría "El matadero" (1838) e o "Facundo" (1845) de Sarmiento, livro nacional com mais justiça que o "Martín Fierro".

No romance, "El inglés de los güesos" de Benito Lynch é digno de Conrad, de quem aliás conserva certas características de composição. Mas se houve influência é um problema mais de técnica literária. O importante é o romance, talvez o melhor da América Latina. Outra obra-prima é a sua novela "Palo verde" e, não tão perfeito mas de vigor semelhante ao do "Inglés", "Los caranchos de la Florida" (1916).

À altura de Lynch, está "The Purple Land" (1885), escrita em inglês pelo britânico William Henry Hudson que passou a juventude no Prata. É ele também o autor do romance da nossa Amazônia na fronteira com as Guianas, "Green Mansions", 1904, em que se deixa levar pelo lirismo mas com resultado menor. "The Purple Land" é romance de estrada e aventura, no modelo que o próprio "Quixote" já repete, e acaba dando uma imagem completa do mundo da bacia do Prata. A alta vitalidade do escritor se abre, ao correr da narrativa, em cenas de humor, drama, poesia, num caleidoscópio que maravilha praticamente a cada página virada.

O contista Horácio Quiroga nasce no Uruguai mas passa a vida de escritor em Buenos Aires, tal como o teatrólogo Florêncio Sánchez. "El hijo", "A la deriva", "El almohadón de plumas", vinte outros títulos de Quiroga nada perderam de sua intensidade, e, com um pingo de tolerância, se pode ampliar essa observação a toda a sua obra, pois ele sabia o que era um conto e, uma vez fígados, a temos inteira sem esmorecer. Já em Sánchez, entre outras obras *gauchas*, "Barranca abajo" permanece uma tragédia de efeito seguro em cena, e desconheço peça latino-americana que a supere.

De Roberto Payró, é de recordar o "Neto de Juan Moreira" e "El casamiento de Laucha", mas chega a pungente, entre outros títulos seus bem legíveis, o romance "Sin rumbo" de Eugenio Cambaceres. Do general Lucio Mansilla, que escreve tão civilmente, "Una excursión a los indios ranqueles" (1870) é um clássico que merece ser. Entre os modernos, "Don Segundo Sombra" (1926), de Ricardo Güiraldes, também se fez de certo modo um clássico, se bem que com menos direito.

Criando opinião, como ocorre com quase tudo que com apaixonada lucidez escreveu, as notas esparsas de Borges sobre o gaúcho são imprescindíveis, especialmente pelo bom senso contra boatos e mitos. Ele compôs também contos sobre gaúchos ou seus descendentes urbanos, os duros dos arrabaldes portenhos. Entre esses, a obra-prima é "El hombre de la esquina rosada".

No Rio Grande do Sul, Simões Lopes Neto enriqueceu a linguagem de Coelho Neto, mestre da época que acatava, com modismos e expressões locais, para pintar, como ele, dramas violentos com meios simples (pois se Coelho Neto não abusasse do vocabulário, seria simplíssimo, apesar do que dizem) ou, como ele, se abandonar ao lirismo verbal (principalmente nas "Lendas"). O resultado é um pequeno livro permanente, com a junção dos "Contos gauchescos" de 1912 às "Lendas do Sul" de 13. Do resto de sua obra, relativamente vasta, salvam-se ainda bem os "Casos do Romualdo", recuperados de jornais provincianos para edição em volume apenas em 52.

É difícil colocar a seu lado qualquer outro autor rio-grandense dos mais de cem que tratam de assuntos regionais. Em Alcides Maya, o estilo forte e bus-

cado ao parnasianismo, furta peso à narração enquanto tal em seus contos e romances; mas não raro fica valendo como arte de estilo. Érico Veríssimo, em particular no "Continente", situou, com preparo e talento, seus personagens em ambiente gauchesco, mas sem aquela aderência sincera à visão deles que permitiria o pleno florescer ficcional. Já foi mais feliz, por adotar antes uma posição crítica de espectador, Ivan Pedro de Martins em "Fronteira agreste", um êxito que não soube repetir mas suficiente para gravar seu nome em posto privilegiado da gauchesca e assim da literatura nacional.

Entre os poetas, a sátira política "Antônio Chimango" (1915) de Amaro Juvenal, pseudônimo do dr. Ramiro Barcellos, é de certa forma um clássico entre nós como Simões. Repete a rima de "Martín Fierro" com muito pouco de sua poesia, mas farpa bastante para conservar o interesse. Vargas Neto, musical e fácil, um parnasiano tardio que conhecia o ofício, continua o nome de proa entre nossos vates gauchescos, cujo número, em vez de decrescer com a mudança das condições sociais que torna o gaúcho um ente do passado, parece aumentar, em parte naturalmente pelas facilidades atuais de edição. Aureliano Figueiredo Pinto, Aparício Silva Rillo, Caetano Jayme Brum, José Nelson Corrêa são exemplos de uma flexibilidade verbal que se exerce mais no pitoresco que propriamente no poético.

(Recebido em outubro de 1982)

